

- Julien Auber de Lapierre: “Le ‘trésor’ de Ludwig Keimer: redécouverte de frises de bois d’un monastère de Moyenne-Égypte”.
- Dominique Benazeth, “Le matériel liturgique en métal dans le *Catalogue Général* du Musée Copte du Caire”.
- Marie Delassus, “À propos des fragments d’une pyxide d’ivoire protobyzantine conservée au Musée du Louvre (inv. E 14.359)”.
- Cédric Meurice, “Le chapiteau de pilastre à Baouit: familles et variantes”.
- Hélène Rochard, “Le culte des archanges dans l’Égypte byzantine et arabe: le témoignage des peintures du monastère de Baouît”.
- Jean-Luc Fournet, “Sur les premiers documents juridiques coptes (3): quelques réflexions sur les archives d’Abraham d’Hermonthis”.
- Esther Garel, “Vouloir ou ne pas vouloir: la question du libre-arbitre dans le monachisme thébain des VII^e-VIII^e siècles d’après les textes documentaires”.
- Chantal Heurthel, “Apa Biktôr, l’építropos, et Biktôr, le diacre, deux personnages en relation avec le milieu monastique thébain”.
- Christian Cannuyer, “Johannes Nicolai (+ 1708) et les origines de l’ère copte des martyrs”.
- Rachad Shoucri, “Aperçu sur quelques controverses autour de l’histoire de la Légion Thébaine”.
- Luís Filipe F. R. Thomaz, “Le christianisme éthiopien dans l’œuvre de D. Jerónimo Osório, humaniste et prélat portugais (1506-1580)”.

Conferências públicas:

- Adel Sidarus, “Moçarabismo e Cristianismo Médio-Oriental”.
- Luís Manuel de Araújo, “Reflexos da arte egípcia na iconografia copta”.
- Manuel João Ramos, “O Prestes João e a presença portuguesa no Oriente”.

Conferência Internacional “Bom Jesus do Monte: vozes e contributos à candidatura a Património Mundial” Braga, 26 de junho de 2015

ANDERSON LINO

Investigador estagiário no CEHR-UCP; Doutorando em Ciências Sociais pela PUCSP

A subida ao Sacro-Monte significa a própria peregrinação para a vida, para a fé e a esperança, assim se iniciou a Conferência Internacional realizada no Santuário do Senhor Bom Jesus do Monte, em Braga, no dia 26 de junho de 2015. Organizada pela *Confraria do Bom Jesus do Monte* contou com a presença do Presidente desta instituição além de outras autoridades,

tais como D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga, Ricardo Rio, Presidente da Câmara Municipal de Braga e Melchior Moreira, Presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal.

O evento foi dividido em três painéis. O primeiro: “Montes Sagrados: Património do Mundo” contou com a participação, dentre outros, de Elena de Fillippis, diretora da Enti di Gestione dei Sacri-Monti, que abordou o *Sacri Monti Piemonti*, Lombardia – Itália. A autora participou do evento por web-conferência e ressaltou a importância do reconhecimento dos Sacro-Montes italianos pela UNESCO. Para Elena de Fillippis, aqueles locais, além de sagrados, são excepcionais bens de expressão de vários trabalhos artísticos de arquitetos, pintores e escultores que “representam um excepcional exemplo de uso cultural do território e da paisagem” (FILLIPPIS: 2015). Em seguida, José Marques, da Universidade do Porto, abordou *O culto da santa cruz no Norte de Portugal* ressaltando que a diocese de Braga era maior do que a atual, com centenas de Confrarias, Capelas e Monumentos em homenagem à Santa Cruz.

O segundo painel “Contributos para a candidatura do Bom Jesus a Património Mundial”, contou com a participação de Aurélio Oliveira, da Universidade do Porto / Instituto Universitário da Maia. Trabalhando com o tema *Bom Jesus do Monte: as devoções e as circunstâncias*, fez uma abordagem histórica em torno do Sacro-Monte argumentando que não há provas de que o culto ao Bom Jesus tenha sido influenciado pelos romanos. Para o autor, a devoção ao redor daquela imagem surge com os minhotos do norte português. Porém, ao longo dos séculos, tanto o culto quanto a devoção religiosa se transformaram, isto é, se desencantaram do mundo. Em seguida, José Carlos Peixoto, integrante da Confraria do Bom Jesus do Monte, apresentou *A Real Confraria do Bom Jesus do Monte: memórias, benfeitores e legados* defendendo como primitiva a primeira fase do Sacro-Monte, sem intervenção romana, o que a caracterizou como a chamada fase da montanha. Para José Carlos Peixoto, o atual Bom Jesus do Monte surge com os Irmãos da Trindade e o Monte de Santa Cruz, em 1333. E que o primeiro livro foi escrito pelo bispo D. Rodrigo da Cunha, e data de 1675, arquivado na Confraria do Bom Jesus do Monte.

Por fim, o último painel “Contributos para a candidatura do Bom Jesus a Património Mundial” contou com a participação de vários pesquisadores que ressaltaram tanto a parte arquitetónica quanto a localização geográfica e religiosa do Sacro-Monte. Transubstanciando-se de centro de peregrinação e paixão a circuito de turismo religioso, com a construção de hotéis, restaurantes e instâncias turísticas, estacionamento, estrada e elevador, entre outros que impulsionaram e vêm atraindo mais de um milhão de turistas por ano. O Sacro-Monte conta com mais de 150 funcionários que se dedicam à conservação, preservação e atendimento aos turistas que visitam o Santuário do Bom Jesus do Monte.

Em seu conjunto, os oradores do evento ressaltaram a relevância da cultura barroca e neoclássica do Sacro-Monte que simboliza a Jerusalém do Mundo, o Monte-Sagrado como projeto europeu de espaço sagrado do mundo. Tornando-se, portanto, um centro de peregrinação do mundo. Foi considerado por vários oradores que o aspeto turístico e económico do local, não somente a nível regional, mas principalmente a nível nacional, contribuiu para que o Santuário do Senhor Bom Jesus do Monte fosse eleito para sediar a capital ibero-americana da juventude. Contudo, é importante ressaltar que o Sacro-Monte primeiramente precisa ser reconhecido internamente como Património Nacional e, posteriormente, pleitear a nível mundial. Assim se faz necessário mais investimento para que o local seja reconhecido pela UNESCO, pois, há várias obras de arte que precisam de ser restauradas, além de suas capelas. Mesclando o

turismo religioso com o sagrado e o profano, faz-se do local um Património rico em cultura material e imaterial, que em sua dinâmica dialética, produz mais-valia tanto para Braga quanto para Portugal. O comprometimento de todos, portanto, é condição *sine qua non* para que o Santuário seja elevado e reconhecido pela UNESCO como Sacro-Monte do mundo. Esta causa não é somente religiosa ou económica, mas, sim, cultural e histórica.

Por outro lado, o Sacro-Monte tornou-se, em sua dialética, um centro sagrado e profano, pois, além de receber peregrinos, fiéis do Bom Jesus, também é palco de festas e comemorações; pagamento de promessas e rituais por parte dos devotos que escapam do controle clerical. Surgindo por volta dos séculos XIII e XIV, o Sacro-Monte prova ser um fenómeno religioso constante. Primeiro como local de esperança para se escapar das enfermidades, da morte e na busca da salvação. Apresenta-se assim como um espaço de dimensão lúdica; em segundo lugar, como condição material que se pode observar com sua construção arquitetónica. Esse campo dinâmico do fenómeno religioso, com o tempo, provocou conflitos entre os cultos, as peregrinações e rituais que foram sendo apropriados pelo clero, que a partir do Concílio de Trento começou a controlar estes locais sagrados de peregrinação. Uma verdadeira disputa em torno do poder simbólico. Não há como negar, portanto, que o Bom Jesus é uma criação humana, da fé, da arte, da devoção e da compaixão representada naquela “Jerusalém Ibérica”. É um espaço que representa as cenas da paixão com elementos típicos de uma vida dolorosa pela qual passam seus fiéis, tornando-se, dessa maneira, um típico calvário de substituição para seus devotos. Desse modo, o Sacro-Monte é a verdadeira representação da dor humana em memória de Cristo.

Jornadas de Estudo “Identidade Social, Religião e Aparelhos de Estado na Grande Lisboa” Lisboa, 26 de junho de 2015

ANTÓNIO MATOS FERREIRA | CÁTIA TUNA | LUÍS SALGADO DE MATOS

No dia 26 de junho de 2015 tiveram lugar na Sala Vip do Edifício do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) as jornadas de estudo “Identidade Social, Religião e Aparelhos de Estado na Grande Lisboa” (NUTs 20 e 21), homónimas do projeto de investigação trienal assumido de há dois anos a esta parte pelo Seminário Permanente sobre o Estado e as Igrejas, promovido pelo Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa e pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, sob a coordenação dos Doutores António Matos Ferreira e Luís Salgado de Matos, assim como da Mestre Cátia Tuna – equipa que também organizou as Jornadas. O projeto visa recolher informações sobre a interação das Igrejas (organizações do simbólico), das organizações